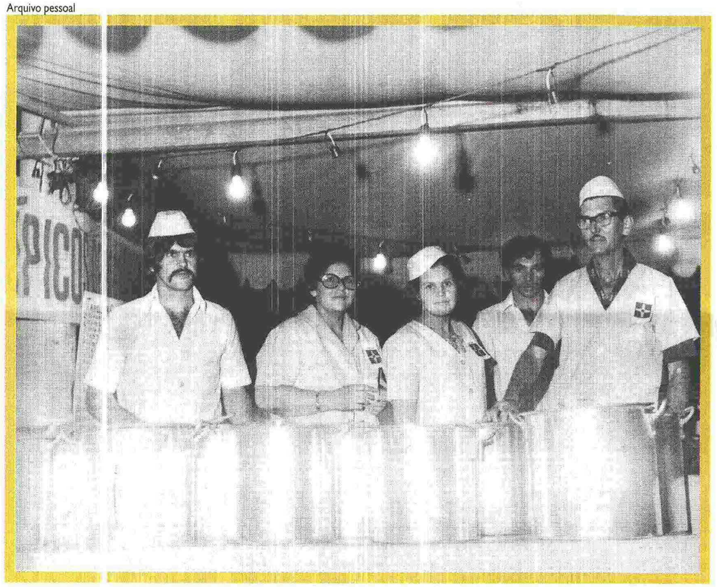
José Córdoba Solano

DF-Brasília
042
Reportagem 0014

Para realizar o sonho de vir para a capital, o pioneiro precisou trazer a esposa para conhecer Brasília, a fim de que ela também se apaixonasse pela idéia

Uma relação duradoura com a cidade

Arquivo pessoal



COMO FABRICANTE DE DOCES, JOSÉ E CIDALICA REPRESENTARAM BRASÍLIA EM FEIRAS NO RIO DE JANEIRO

VINICIUS NADER
ESPECIAL PARA O CORREIO

O namoro de José Córdoba Solano com Brasília foi demorado. Antes de se mudar em definitivo para a nova capital federal, em fevereiro de 1960, o comerciante veio a Brasília pelo menos outras três vezes. Tais vindas foram suficientes para que a cidade que ainda estava sendo construída conquistasse de vez o coração desse pioneiro.

A primeira vez, em 1957, José veio para assistir à primeira missa rezada em Brasília. "Ainda era solteiro e vim de Goiânia com um grupo de amigos. Saí daqui encantado com a cidade. Pensava a toda hora em mudar para cá", afirma o pioneiro, que tinha uma oficina de marcenaria na capital goiana. Mas os pais e os futuros sogros eram os principais obstáculos para a realização desse sonho. "Meu sogro não aprovava nem o meu namoro. Imagine a minha mudança com a filha dele para uma cidade que ainda não existia. E na minha família, eu ajudava no sustento e na administração da casa dos meus pais, já que eu era o único filho solteiro que ainda morava com eles", explica o pioneiro.

Um ano depois, já casado com Cidalica Martins Córdoba, José voltou a Brasília. Dessa vez a passeio para que a esposa também pudesse conhecer a futura capital do país. A estratégia de José deu certo, a esposa também voltou para Goiânia encantada com a cidade. "Agora o sonho de vir para cá era dela também, não era mais só meu", comemora. Assim, ficou mais fácil e na última visita a Brasília, no fim de 1959, o casal começou a olhar terreno para montar uma padaria e para morar na nova capital.

A mudança

Dessa forma, em fevereiro de 1960, o casal e mais dois filhos pequenos, incluindo aí um bebê de três meses de idade, desembarcaram de vez em Brasília, mais especificamente em Taguatinga. Já na chegada o primeiro problema: José havia contratado um pedreiro para construir seu barraco de madeira, mas o profissional havia fugido com o dinheiro de José sem terminar a obra. "O resultado é que passei minha primeira noite em Brasília construindo minha própria casa", conta José, divertindo-se com a situação e ressaltando que fora ajudado pela esposa e pelo cunhado, que morava na Cidade Livre.

Para piorar o que já estava ruim, era noite de chuva, uma daquelas características dos fevereiros brasilienses. "Era água lá fora por causa da chuva e aqui dentro pelas minhas lágrimas", lembra Cidalica. A chuva parou aquela noite, mas as lágrimas continuavam a brotar a cada dificuldade — e não foram poucas — e a cada vez que a saudade apertava. "Essa era a primeira vez que eu morava longe dos meus pais. Senti muito, mas nunca cheguei a pensar em voltar para Goiânia", afirma ela. A diferença gritante entre as culturas das pessoas que moravam em Brasília deixava Cidalica ainda mais assustada. "As pessoas eram muito diferentes e quase ninguém queria ceder. Era muito difícil, mas a esperança e a vontade de crescer eram muito grandes", lembra.

No dia 24 de abril de 1960, três dias depois de Brasília ser inaugurada, era a vez de José Córdoba dar uma de JK e inaugurar a Panificadora São Judas Tadeu, em Taguatinga, com uma festa que contou até com a presença de João Goulart. "A nossa padaria foi a primeira de alvenaria em Taguatinga. No início, eu e minha esposa fazíamos os pães e roscas. Depois, fomos contratando mais gente para nos ajudar", conta José. Como pouca gente morava em Taguatinga naquela época, a freguesia de José era formada pelas construtoras e por restaurantes da Cidade Livre e do Plano Piloto.

Em época de movimento bom, a padaria chegava a usar 50 sacos de farinha por dia. Um dos clientes mais fiéis era Juscelino Kubitschek, que encomendava e indicava pães e salgados para festas e batizados das quais participava. "Ele, como bom mineiro, gostava também de vir até a loja para comer, principalmente, o nosso pão de queijo com café", orgulha-se o pioneiro.

Arquivo pessoal

JOSÉ COM A FAMÍLIA, UMA VIDA VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO EM TAGUATINGA

O amor por Taguatinga

Embora José Córdoba tenha acompanhado de perto a inauguração e o crescimento de Brasília, ele é o que poderíamos chamar de pioneiro de Taguatinga, pois é nessa cidade que ele e a família moram há 44 anos. "Quando cheguei a Taguatinga era tudo deserto, o chão era de terra batida por tratores pelo menos duas vezes por dia para a poeira não subir demais. Não havia nem luz nem água", lembra. Além disso, também não havia muitos prédios na cidade: a prefeitura era um barraco, havia também o mercado São José e a escola industrial ainda não estava totalmente pronta, mas já tinha suas obras adiantadas. "Meu filho mais velho tinha que buscar leite para o bebê a pé lá na Cidade Livre, porque não tinha transporte para lá", lembra Cidalica.

Até mesmo a Avenida Comercial, um dos pontos de referência mais marcantes de Taguatinga, ainda não estava lá quando José Córdoba chegou. "Criamos a Avenida Comercial para podermos dar um endereço para nossos fornecedores quando eles viessem nos entregar materiais", conta José, acrescentando que a prefeitura não gostou muito da idéia de ter comércio naquela região. "No começo, o prefeito implicava com aquelas marquises e estabelecimentos comerciais, mas depois ele viu que era necessário para o crescimento e desenvolvimento da cidade", afirma o pioneiro. Sempre com o olhar voltado para o comércio, José Córdoba também criou o Mercado Norte, um enorme galpão onde funcionava uma espécie de feira para se vender de tudo um pouco. "Construímos o mercado com recursos próprios dos comerciantes, pois a prefeitura era contra e não nos ajudou em nada", comenta.

Em 1965, a panificadora de José foi vendida, mas o casal não abandonou a atividade comercial. O foco agora estava voltado para o doce caseiro. O sucesso foi tanto que José e Cidalica foram representar Brasília três vezes em feiras do Rio de Janeiro. "Levávamos sabores tradicionais, como o de leite, por exemplo. Mas nossos carros chefes eram os doces de fruta, como o mamão verde ou o figo em calda", afirma José, que abriu três lojas de doce, na Cobal, na 111 Sul e no Conjunto Nacional.

> "QUANDO CHEGUEI A TAGUATINGA ERA TUDO DESERTO, O CHÃO ERA DE TERRA BATIDA POR TRATORES PELO MENOS DUAS VEZES POR DIA PARA A POEIRA NÃO SUBIR DEMAIS. NÃO HAVIA NEM LUZ NEM ÁGUA"

Onze anos de sucesso depois, o governo militar estava em seu auge e resolveu que o leite para fazer doce caseiro deveria ser pasteurizado, o que encareceu demais os custos e fez com que José Córdoba procurasse outro ramo. Foi aí que ele abriu uma representação da Zanata, em Brasília, onde trabalhou até se aposentar. Cidalica foi trabalhar na Livraria Ave Maria, de artigos religiosos. Foi aí também que entrou em cena o trabalho voluntário que José e Cidalica mantém até hoje, estando à frente do banco de leite de Taguatinga há 25 anos e do Rotary há 26.

Raio X

Nome:
José Córdoba Solano
Idade:
75 anos
Origem:
Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Comerciante
Estado civil:
Casado
Esposa:
Cidalica Martins
Filhos:
Maria Aparecida, José Carlos, Celso Antônio, Luis Cezar e Antonio Vanildo
Netos:
Gaub Luci, Talita, Larissa, Luciana, Clarice, Juliana, Ana Clara, Gabriel, Luisa, Vitor, José Antonio, Jorge, Luiz, Paulo Edson, Elisangela e Jonattans.
Bisnetos:
Milena, Thiago, William, Natalia, Lucas e Samuel